



PROCESSOS INVESTIGATIVOS PARA COMPREENDER 'COMO AS IMAGENS FUNCIONAM' EM NOSSO CAMPO DE ATIVIDADE DOCENTE

INVESTIGATIVE PROCESSES USED TO COMPREHEND 'HOW IMAGES WORK' IN OUR TEACHER TRAINING ACTIVITY

Valéria Fabiane B. F. Cabral

Universidade Federal de Goiás, Brasil
vafabiane@gmail.com

Resumo

Este texto apresenta uma investigação docente, como ação sistemática, que analisa questões referentes ao ensino e aprendizagem em arte a partir das imagens de um diário digital em um curso de ensino de arte, realizado de 2017 a 2018 com professores/as em formação, da rede municipal de Goiânia. A orientação metodológica define seu rumo a partir da prática pedagógica com os(as) participantes possibilitando o contato em diálogo com o processo de formação de professoras/es que ministram a disciplina arte na escola. Desde 2013, como docente em um curso de Licenciatura em Artes Visuais, busco compreender como a arte vem sendo ensinada na escola como parte da formação de um grupo de professoras/es para refletir, juntamente com a minha prática pedagógica, sobre modos de ensinar/aprender arte, através de uma investigação docente contínua. Com a intenção de tecer sintéticas considerações para também reconhecer-me nesse processo e compreender como estou atuando, venho utilizando as imagens de meu diário visual como espaço de construção de sentidos. Reconhecer as maneiras de ver-me nessas imagens, como me relaciono com elas e, ainda, como as(a) participantes compreendem o ensino e aprendizagem em arte para construir argumentos via texto e imagem, representa um desafio para essa investigação. Desenvolver uma investigação que inclua a minha prática docente, por meio de imagens de um diário construído no coletivo suscita questões relativas aos significados de pesquisa junto ao trabalho docente e é uma postura que se constrói entendendo o/a professor/a como pesquisador/a de sua própria prática.

Palavras-chave: investigação docente; diário visual; arte; imagem.

Abstract

This text presents a teaching research, as systematic action, that analyzes issues related to teaching and learning in art through the images of a digital journal constructed in an art education course developed during 2017 and 2018 and carried out with teachers in training, from municipal network of Goiânia. The methodological orientation defines its course from the pedagogical practice with the participants allowing the contact in dialogue with the process of art teacher training in school. As a teacher in a Visual Arts Education Course, since 2013 I have been trying to understand how art has been taught in school during teacher's training, aiming to reflect, along with my pedagogical practice and through a continuous teaching research, about ways of teaching /learning art. With the intention of weaving synthetic considerations that also recognize myself in this process and to understand how I am acting, I have been using the images of my visual diary as a space for the construction of meanings. Based on the considerations generated in the observation of images of the visual diary-book, I intend to privilege the construction of subjective senses that configure my experiences and that of the participants to enable new positions for our teaching and professional practice. Recognizing the ways of seeing myself in these images, how I relate to them, and how we – participants and I - understand teaching and learning in art in order to construct arguments through text and image, represents a challenge for this investigation. To develop an investigation that

includes my teaching practice, through images of a collective developed journal raises questions related to the meanings of research in the teaching processes and points to a perspective that is constructed by understanding the teacher as a researcher of his own practice.

Keywords: teaching research; visual diary-book; art; image.

Investigação sistemática e intencional

Desde 2013, como docente em um curso de Licenciatura em Artes Visuais, busco compreender como a arte vem sendo ensinada na escola - como parte da formação de um grupo de professoras/es - para refletir, juntamente com a minha prática pedagógica, sobre os modos de ensinar/aprender arte, através de uma investigação docente contínua. Um caminho que tem contribuído para refletir sobre o 'lugar da experiência' vem das ideias de Cochran-Smith e Lytle (2002, p. 29) em sua argumentação a favor da necessidade e importância da investigação docente como uma "[...] investigação sistemática e intencional realizada pelos ensinantes [...]".

Segundo estas autoras, esses profissionais são os que mais podem fornecer e problematizar diferentes visões, de dentro da escola. Compartilhamos da ideia de que é por meio da investigação intencional feita pelo/a professor/a, da teoria e da reflexão coletiva, que os discursos elaborados sobre educação e sobre a/o professor/a deixarão de ser 'gasosos' (NÓVOA, 2010) tornando-se possíveis enquanto aliados dos que trabalham as práticas em educação. Autores como Nóvoa (2010), Zeichner (1995, 1998), Cochran-Smith e Lytle (2002, 2009, 2011) defendem o 'practitioner' como investigador e produtor de conhecimento sobre seu trabalho docente em sala de aula. As ideias de Cochran-Smith e Lytle vêm influenciando o meu modo de praticar a docência através da pesquisa.

Essa busca por unir docência e pesquisa visa abrir caminhos para conhecer concepções de arte que possam sustentar práticas docentes orientadas para o redimensionamento de visões e relações entre produto, produtor e espectador contribuindo para borrar distinções classificatórias, tais como salientei anteriormente. Visa, também, empoderar o espaço de autonomia e experimentação de professores/as e alunos/as, promovendo protagonismo aos atores dos processos educativos e às práticas que planejam desenvolver.

Programa de extensão Arte na Escola – Polo Goiás

Envolvida nesse processo, tenho desempenhado o papel de coordenadora pedagógica do Programa de Extensão Arte na Escola – Polo Goiás - da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). Esse programa é fruto da parceria com o Instituto Arte na Escola (uma associação civil sem fins lucrativos com sede em São Paulo que, desde 1989, promove a formação continuada de professores/as da Educação Básica), e objetiva a construção de um 'locus' de experiências e saberes, reafirmando o papel social da FAV/UFG.

Visa ainda, dar apoio permanente aos professores(as) das redes municipal, estadual e particular, compartilhando materiais para apoio didático e artístico-pedagógico, oferecidos pelo Instituto Arte na Escola, com conteúdos que possibilitam o ensino da arte na sala de aula. Através desse programa os(as) professores(as) podem participar de projetos, de grupos de estudos e cursos ligados a temas fecundos, com pontos de convergência com os estudos de Cultura Visual, trazendo contribuições significativas para as concepções e abordagens contemporâneas sobre o ensino de arte.

Minhas vivências, nesse contexto, estão ativando múltiplos diálogos na provocação de discussões, dúvidas, reflexões e questionamentos sobre o como ensinar e aprender arte. Tais reflexões entendem a minha experiência docente como um lugar para criação de sentidos sobre práticas metodológicas voltadas para o ensino da arte na escola, através de encontros presenciais mensais e estudos no Moodle Ipê destinado às atividades de pesquisa e extensão da UFG. Nestes encontros para formação docente participam um grupo formado por dois estudantes da Graduação em Artes Visuais da FAV/UFG, dois estudantes do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Faculdade de Ciências Sociais (FCS/UFG), graduados em Artes Visuais, uma professora de Artes Visuais, formadora da Gerência de Formação dos Profissionais da Secretaria Municipal de Educação (SME) da Rede Municipal de Ensino (RME), vinte e uma professoras e um professor da Rede Municipal de Ensino de Goiânia/GO.

Essa perspectiva formativa integra discussões, reflexões e interações entre processos e espectadores, e entre experiências articuladas em constantes movimentos – teóricos, metodológicos, práticos -, na busca por sentidos e vias de transformação de visões de mundo que ainda naturalizam representações sociais e culturais hegemônicas. A proposta é estimular que a atuação docente, na sala de aula, ocorra através de temas que promovam o pensamento crítico e reflexivo, sinalizando possibilidades para criações metodológicas e abrindo espaços, no ensino da arte, para pensar experiências que rompam barreiras institucionais hegemônicas e privilegiem um modo de agir que faça convergir, progressivamente, resultados pedagógicos, sociais, políticos, culturais e educativos.

Imagens de meu diário visual como espaço de construção de sentidos

Para construir sentidos a partir dessa experiência venho produzindo um diário digital, com anotações e imagens sobre cada encontro com esses(as) participantes, para que ao criar relatos, os mesmos possam ser compreendidos como instrumento de pesquisa e análise do meu pensamento como professora (ZABALZA, 2004). Este instrumento é essencial para que eu possa refletir sobre as experiências formativas e docentes com esse grupo de professores(as).

Através das imagens - além dos modos como vemos e nos vemos – é importante que percebamos como compreendemos as representações, e como nossas práticas culturais podem



contribuir para a criação de um relato docente em Artes Visuais no contexto que atuamos. Esta percepção é fundamental para que ao criar esses relatos, também seja possível compreender “[...] como os sujeitos podem responder a esses relatos [...]” (HERNÁNDEZ, 2004. p.5). Neste texto, faço uso de duas imagens representativas deste processo de formação, e seleciono uma terceira relacionada à produção visual do grupo.

O diário visual está sendo construído por meio de anotações e imagens digitais produzidas em cada encontro mensal de 4 horas. A partir das considerações geradas na interação com as imagens do referido diário, pretendo privilegiar neste texto as construções de sentidos subjetivos que configuram experiências minhas. Posteriormente, através de rodas de conversas, - com todos/as envolvidos/as nesse processo de aprender/ensinar arte -, pretendo viabilizar e discutir novos posicionamentos para nossa prática docente e profissional.

Nesse exercício construtivo percebo que é muito complexo e intrincado olhar e interpretar as imagens para dar sentidos ao que vemos e, principalmente, para refletir sobre como venho trabalhando. Reconhecer as maneiras de ver-me nessas imagens, como me relaciono com elas e, ainda, como as(a) participantes compreendem a aprendizagem representa um desafio nesta investigação. Desafio que se aprofunda na intenção de construir argumentos, via texto e imagem, que abram possibilidades para o ensino em arte. Nessa tentativa, tenho consciência de que essa é uma prática que se aprende e compreendo haver uma vasta gama de inquietações por meio das quais pretendo compartilhar minhas ideias para entender sentidos/significados de nossas experiências docentes.

Metodologias para interpretação e compreensão de imagens na perspectiva da Cultura Visual

Para muitos/as arte/educadores/as, uma das metodologias para o ensino de arte é a leitura de imagens, principalmente de obras de arte, baseada no formalismo perceptivo e semiótico (SARDELICH; BATISTA, 2010). Percebo que a observação de imagens enfatizando apenas as categorias formais proporciona, em um primeiro momento, certa segurança na forma de lidar com as imagens, principalmente em sala de aula. Entretanto, hoje, em tempos de mudanças conceituais e metodológicas trazidas pelos estudos culturais, o ensino de arte articula-se com a compreensão de que a multiplicidade de interpretações e representações visuais é moldada por práticas subjetivas e por formas culturais de/do olhar que as constituem. Esta multiplicidade gera visualidades que se conectam para a produção de mundos. Assim, ir além da leitura formalista das imagens tornou-se uma necessidade educativa.

Acredito que as imagens não têm um significado próprio - que pode ser desvelado (MARTINS, 2010) -, mas que elas condensam experiências que possibilitam um sentido de reconhecimento individual e cultural, social e coletivo. Nesse sentido, tenho a intenção de tecer sintéticas considerações para também reconhecer-me nesse processo e contexto em que me



encontro. As imagens desse diário visual funcionam como espaço de construção de sentidos para que eu possa compreender meus modos de aprender/ensinar.

Ao buscar dar sentido às imagens do diário, me deparo com algumas questões que emergem nas discussões em grupo: Como reafirmamos as representações docentes? Como essas representações determinam nosso papel? Que problematizações encontramos na forma como representamos alguns temas? São muitas as questões que me provocam e com elas aparecem muitas dúvidas, reflexões e buscas. Nesta interação com meu diário visual, concluo que essas indagações podem afetar os processos de ensino/aprendizagem.

Para iniciar meu caminho de lidar com tais problemáticas, escolho uma imagem do meu diário visual cuja composição pode ser observada em outras imagens semelhantes colhidas entre março e junho de 2018 (Figura 01). Busco, com esta e com as demais escolhas, desenvolver um pensamento crítico sobre esse processo (HERNÁNDEZ, 2011). Pensar através dessas imagens possibilita a construção de outros relatos possíveis que subvertem aquilo que consideramos instituído.

Para essa construção, buscarei a reflexividade, proposta pela Cultura Visual, para (re) criar um universo de significações para a minha atuação docente considerando as experiências vividas com esse grupo, no contexto da pesquisa. Levo em consideração que “[...] compreender a condição cultural [contemporânea], suas manifestações materiais e simbólicas e o efeito que ela exerce sobre nossas identidades individuais e coletivas constitui o projeto da cultura visual [...]” (TAVIN, 2009, p. 225).



Figura 1: Encontro do grupo em junho
Fonte: Fotografia: Carmem Lucia N.C.Tokatjian, 2018.

Observando a referida imagem (Figura 01) é possível perceber que mesmo com a disposição diferenciada das carteiras, distinta daquela que é normalmente utilizada em salas de aula, eu apareço na imagem como o ponto de atenção nesse processo de aprender/ensinar. Isso porque minha posição não se desloca do exercício de um ‘poder’ atribuído ao papel que exerço no grupo: o de professora de uma Universidade Federal, doutora.

Nesse grupo, muitas são as vozes que se fazem ouvir e geram riquezas de experiências docentes que movimentam as discussões. São relações dialógicas que evidenciam mudanças de pensamento quando se questionam sobre um ensino de arte que privilegia a reprodução de ‘modelos’, sobre a escola como lugar onde o conhecimento é ‘repassado’ e sobre o/a professor/a como ‘dono’ desse conhecimento. Porém, mesmo envolvidos/as em um ambiente de diálogo que confronta questões relacionadas ao ensino de arte, é importante compreendermos como podemos construir outras relações entre professor/a e estudante, visto que ainda estamos presos em uma abordagem educacional tradicional através da qual a relação que prevalece tem o/a professor/a como ‘transmissor’ do conhecimento, apoiado em aulas expositivas. Ou seja, me percebo ainda agindo como se nós, professores, fossemos os únicos responsáveis pela condução dos encontros, apelando para a ‘exposição’ de conteúdos.

Contudo, nesse processo, onde está o conhecimento e as práticas dos/as professores/as na escola? Cochran-Smith e Lytle explicitam que Dewey “propunha urgentemente ao professorado que se convertessem em consumidores e ao mesmo tempo produtores de conhecimento sobre o ensino – junto com seus estudantes – sobre a vida da aula” (2002, p. 34). Para Cochran-Smith e Lytle a investigação feita por docentes é um desafio, pois

[...] irrompe nos pressupostos tradicionais sobre quem há de conhecer, sobre o conhecimento e sobre o ensino, ela tem a potencialidade de redefinir a noção de conhecimento pedagógico do professorado questionando assim a hegemonia da universidade na hora de produzir conhecimento especializado (COCHARAN-SMITH; LYTLE, 2002, p. 17).

A discussão empreendida pelas autoras e seus colegas põe em evidência que “[...] se há outorgado pouca dedicação aos papéis que o próprio professorado tem na produção do conhecimento pedagógico [...]” (COCHARAN-SMITH; LYTLE, 2002, p. 29). Nesse contexto, gerado pela cultura acadêmica, fica evidente que pesquisadores/as/acadêmicos rejeitam a pesquisa e conhecimento produzido pelos/as professores/as da escola, detendo um maior ‘capital cultural’ sobre o que é produzido na escola em uma situação hierárquica. Muitas vezes, falta de familiaridade com a linguagem do meio acadêmico e, ainda, a forma como os/as professores são culpabilizados dificulta ainda mais uma aproximação

Cochran-Smith e Lytle propõem que a investigação feita por professores/as, “[...] faça acessível parte da perícia docente e aporte às universidades e às comunidades educativas perspectivas únicas sobre o ensino e a aprendizagem [...]” (2002, p. 29). Na visão de Zeichner

(1993) o mundo de ambos raramente se cruza e há ausência de diálogo entre os/as envolvidos nas pesquisas educacionais, enquanto os/as professores/as ignoram a pesquisa e o conhecimento produzindo por esses/as pesquisadores/acadêmicos.

Nos encontros com o grupo, mesmo consciente e de acordo com os pensamentos de Dewey, Cocharan-Smith, Lytle, Zeichner, entre outros, ao explicitarem a importância do/a professor/a produzir seu próprio conhecimento, percebo que um distanciamento entre as vozes do/a pesquisador/a acadêmico/a e as vozes dos/as professores/as das escolas ainda se mantem. É como se o conhecimento produzido pela academia fosse 'o único ou, o mais importante, conhecimento' que deve ser 'apreendido' nesses encontros.

A formação deve ser problematizada no contexto de atuação do/a professor/a para que práticas e pensamentos que colocam o/a professor/a acadêmico no topo de uma hierarquia do conhecimento sejam (re)pensados. Para que possamos efetivar mudanças e repensar os papéis que orientam nossa atuação, nesse contexto de dualidade entre pesquisador acadêmico x professor pesquisador na escola, construindo uma postura docente colaborativa, torna-se necessário desenvolver investigações que incluam a nossa prática docente. Neste caso, faço uso de imagens de um diário construído no coletivo, reafirmando meu entendimento de que o/a professor/a se beneficia como pesquisador/a de sua própria prática.

Se pararmos para olhar através de cada imagem podemos perceber que qualquer um/a tem um lugar de fala, pois não há um lugar fixo, e que a imagem pode assumir um lugar de mediadora nas práticas docentes. Por isso, torna-se necessário parar para refletir através das imagens geradas em cada encontro para articular sentidos e significados às experiências e reflexões geradas na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação (SCHÖN, 2000). Estas são ações reflexivas necessárias para a condução de qualquer trabalho docente.

As experiências e reflexões geradas com esse grupo têm me mostrado que é possível a realização de um trabalho colaborativo, por meio do qual poderemos eliminar a separação entre (as) professores (as) das escolas e acadêmicos (ZEICHNER, 1993). Nessa perspectiva, um trabalho colaborativo considera que as imagens são mediadoras de significados na construção de sentidos para pensarmos o nosso papel enquanto professores (as) de artes visuais. Com esta ideia continuo a reflexão observando a mesma imagem do meu diário, mas agora por outro 'ângulo' (Figura 02), para buscar uma mudança na forma de olhar através das imagens.

Nesse outro ângulo da imagem (Figura 02) posso salientar que a produção visual do grupo, - que resultou no cartaz que está preso na parede no fundo da sala -, proporcionou uma experiência particular, um modo de produzir imagens em sala de aula que eu não havia experimentado até esse momento. É uma experiência particular porque incluiu a leitura de um texto, a formulação de uma pergunta de interesse do grupo, a discussão sobre esta pergunta no Moodle Ipê, uma análise das respostas e a criação visual, em grupo, oriunda desta análise. Várias camadas de um processo que exigiu interação, convivência, observação, negociação de sentidos e

tomadas de decisões.

O trabalho foi realizado em grupo, fruto de discussões ocorridas nos encontros do semestre onde foram utilizados materiais facilmente encontrados em uma escola, tais como: papel pardo, cola, revistas, barbante, tecidos.



Figura 2: Encontro do grupo em junho
Fonte: Fotografia: Carmem Lucia N.C.Tokatjian, 2018

Essa produção visual foi elaborada a partir da leitura do texto de Kevin Tavin (2009): *Contextualizando a visualidade na vida cotidiana – problemas e possibilidades do ensino de cultura visual* e, pela pergunta: *Como seria um personagem que poderíamos criar para cuidar da escolar?* A partir da criação de três personagens, um para cada grupo e após as discussões geradas pela ação reflexiva proposta no Moodle Ipê sobre essa pergunta elegemos as palavras mais recorrentes nas respostas: conhecimento, trabalho em equipe e transformação. Destacamos, também, as palavras que surgiram nas respostas apenas uma vez, sendo elas: criar, burocracia e emoção. Essas palavras serviram para inspirar e guiar a elaboração da imagem (Figura 03).

Apesar do tempo dedicado à construção dessa imagem e do visível envolvimento dos participantes, o resultado visual deste trabalho não exerceu um papel de destaque junto ao grupo. Ao mesmo tempo, a imagem também não gerou momentos de criação de sentidos e interpretações. Percebi que reflexões a partir desta imagem foram impulsionadas apenas pelas palavras recorrentes. Os vários recortes visuais e textuais, ou os fragmentos de imagens que constituem o trabalho não ganharam atenção. O exercício prático não foi suficiente para incitar reflexões sobre os processos/resultados de produção do grupo. É como se o grupo tivesse reagindo em concordância com as características do estágio de descrição da imagem conforme organiza Abigail Housen (2000) sobre o processo do desenvolvimento estético. Esta postura indica que é

imprescindível fomentar uma interação com as imagens que vá além do que está sendo visto para incluir perguntas como, por exemplo: Como esta imagem me vê? Como eu, docente, me vejo nesta imagem? Tais perguntas seriam propositoras de interpretações e sentidos múltiplos, ampliando as noções de ver/olhar/ser visto.



Figura 3: Encontro do grupo em junho
 Fonte: Fotografia: Carmem Lucia N.C.Tokatjian, 2018

O ensino de arte e seus atores não podem ignorar experiências educativas que envolvem arte e imagem com o objetivo de pensar/agir, nesse caso, sobre temáticas como deslocamentos e transformações. Tornam-se necessárias discussões que ajudem os/as professores de artes visuais a compreenderem as imagens como instrumentos de identificação e representação social, cultural, profissional, pessoal e pedagógica.

Acredito que “[...] há aprendizagens não quantificáveis que buscamos quando interagimos com arte e com imagens: observar, imaginar, inovar, refletir [...]” (TOURINHO, 2015). Eu acrescentaria a ação de (re)criar a partir das apropriações que configuram formas de ação em práticas na escola, impulsionando possibilidades de planejamento e criação que podem movimentar as práticas artísticas. Contudo, como desenvolver tais ações que possibilitem que as imagens possam ser mediadoras de novas formas de se relacionar com experiências e conhecimentos e de suscitar múltiplas interpretações e maneiras de produção?

Para pensar em maneiras de produção para a (re)criação, nesse contexto docente, busco o pensamento de Eça (2008) quando a autora argumenta que “o saber fazer é essencial. Não o saber fazer ‘obras de arte e de design’ como artistas ou designers mas, o saber detectar e resolver problemas com recurso a métodos, instrumentos e materiais específicos da produção visual.” Buscar compreender os processos de criação de interpretações e modos de produzir imagens torna-se essencial quando percebemos a cultura visual como “[...] a caracterização e a avaliação da produção de sentidos através do visual – como vemos, o que vemos, o que não vemos, o que nos é permitido ver, etc – que vai além das fronteiras disciplinares tradicionais [...]” (TAVIN, 2009, p. 225).

Trabalho contínuo em um 'continuum'

Reafirmo a importância de viver 'atividades experimentais' que geram aprendizagem, pois as mesmas "[...] podem fornecer às/aos alunas/os e professoras/es uma memória extraordinária comum e um discurso compartilhado para construir o conhecimento como uma comunidade [...]" (FREEDMAN, 2006, p. 152, tradução minha). Elas se constituem em uma forma de construir experiências através de ações como ver, olhar, falar, fazer, refletir e (re)criar em interação com arte, cultura visual e imagem. São ações que, quando compartilhadas, podem gerar aprendizagem com relações de problematização sobre como agir para ou atuar no mundo em que vivemos.

As experiências envolvendo as imagens são diversas e se materializam em formas muitas vezes desprezadas pelo ensino de arte. A diversidade presente na produção e interação com imagens problematiza construções sociais e culturais, ao mesmo tempo em que coloca em cena as relações de circulação e recepção da arte. Acredito que reflexões a partir das imagens podem abrir caminhos para investigar, também, as concepções de arte que sustentam práticas docentes. Estas reflexões precisam estar orientadas para aprofundar as discussões deflagradas pelas imagens, para ouvir e transformar narrativas sobre experiências vividas e para construir saberes de forma conjunta.

Buscando investigar sentidos da minha prática docente, alimento as reflexões dessa experiência para aprender a pensar em um 'continuum' - critério distintivo da experiência, na visão de Dewey. A reflexividade em 'continuum', de forma individual ou coletiva, abre espaço para criar 'ficções' da realidade na atuação docente de forma colaborativa. Alguns exemplos de pesquisa-ação colaborativa já começam a acontecer, mesmo que de forma tímida. Neles, a fala de pesquisadores(as) que demonstram a necessidade de um diálogo - entre as professoras(as) e acadêmicos -, deixa explícita o desejo de que aconteça a construção de um relacionamento mais ético e democrático entre os/as docentes, dentro da escola e da academia, instituindo um processo educacional *continuum*.

Nesse sentido, como um coletivo, precisamos construir caminhos investigativos, mesmo que incertos e temporários, mas que deverão ser desenhados não apenas por meio do diálogo com a prática docente, mas pela interação desses profissionais com as imagens. Acredito que ao assumir essa posição, será possível provocar e acolher palavras, ideias, reações e sentimentos que deixem transfigurar mundos, possibilitando aproximações com a subjetividade dos indivíduos e, em decorrência, o desenvolvimento da capacidade e compreensão crítica como um processo contínuo de ensinar e aprender arte. Assim, também será possível construir em nós, participantes nesse processo de produção de sentidos, diferentes prismas de uma visão crítica das questões que envolvem o ensino da arte para compreender a complexidade da formação, da prática e do trabalho docente.

Referências

- COCHRAN-SMITH, M; LYTLE, S. **Dentro/Fuera** – Enseñantes que investigan. Madrid: Ediciones AKAL, 2002.
- EÇA, T. Para acabar de vez com a Educação Artística. **Revista Digital do LAV**, vol. 1, núm. 1. Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, 2008.
- HOUSEN, A. O olhar do observador: investigação, teoria e prática. In: FRÓIS, J. P. (org). **Educação estética e artística** – Abordagens Transdisciplinares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- HERNÁNDEZ, F. A Cultura Visual como um convite ao deslocamento do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.
- _____. Arte e Cultura Visual em Debate. **Jornal da FAV**, Goiânia, n.7, setembro de 2004, p. 4-5. Entrevista concedida a Lilian Ucker e Valéria Fabiane.
- TAVIN, K. Contextualizando a visualidade na vida cotidiana: problemas e possibilidades do ensino de cultura visual. In: **Educação da Cultura Visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa**. In: MARTINS, R; TOURINHO, I. (Orgs.). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.
- MARTINS, R. Arte e Cultura Visual. In: Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais. **Licenciatura em Artes Visuais: módulo 3**. Goiânia: FUNAPE, 2010.
- NÓVOA, A. **O regresso dos professores**. Educa: Lisboa, 2010.
- SARDELICH, M. E.; BATISTA, N. Compreensão e Interpretação de Imagens. In: Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais. **Licenciatura em Artes Visuais: módulo 8**. Goiânia: FUNAPE, 2010.
- SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- TOURINHO, I. Metodologias-metáforas: um ensino da arte como cultura (não apenas) visual. In: **IV Colóquio Internacional Educação e Visualidades**. Santa Maria, 2015.
- ZABALZA, M. A. **Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ZEICHNER, K. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, FIORENTINI & PEREIRA. **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

Minicurrículo

Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral

Doutora em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (UFG). Atualmente é professora adjunta na Faculdade de Artes Visuais (UFG) nas modalidades presencial e a distância. E coordenadora Pedagógica da Programa de Extensão e Cultura da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG): Arte na Escola - Polo Goiás.